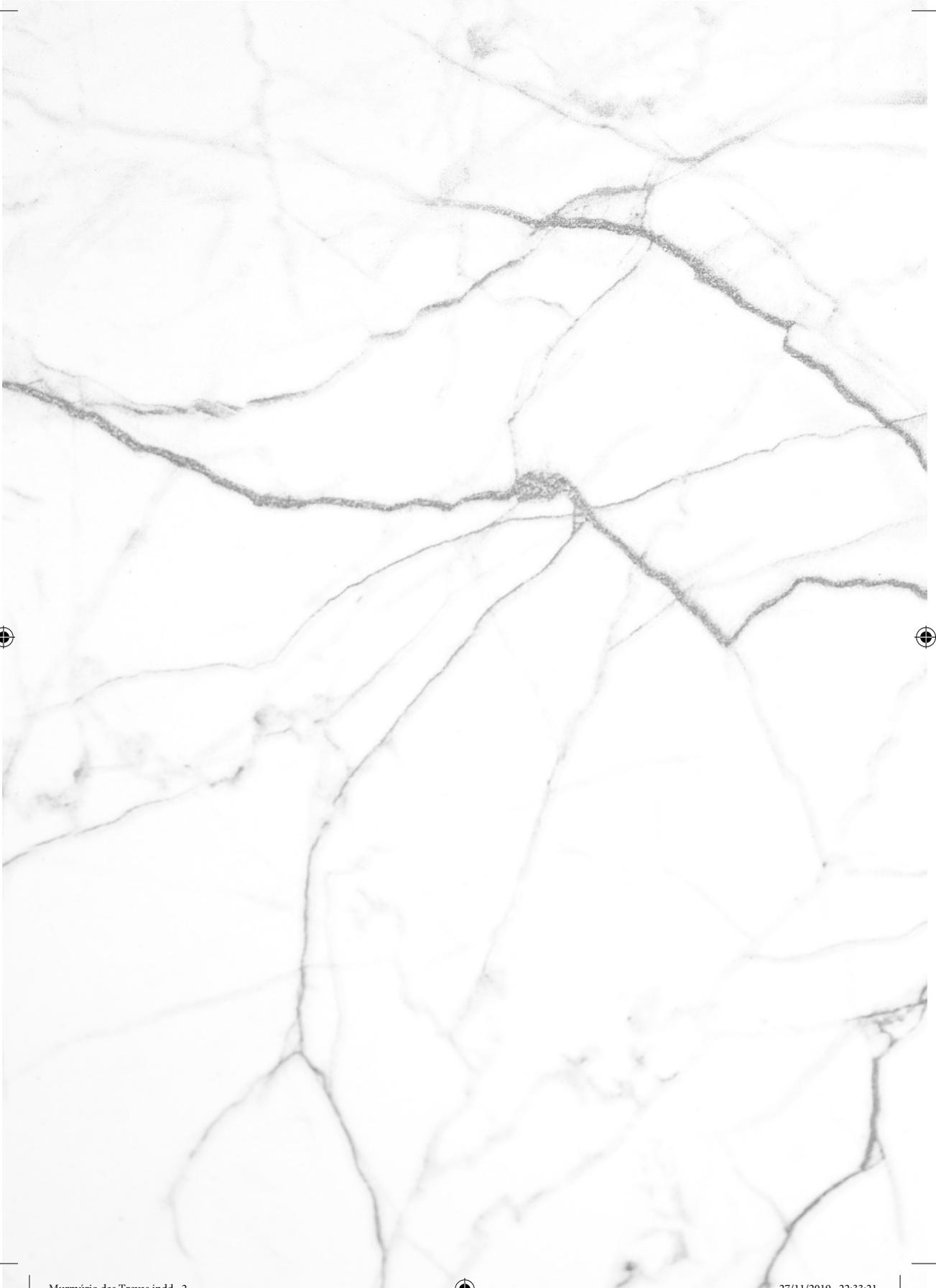




MURMÚRIOS DAS TREVAS







MURMÚRIOS DAS TREVAS

DYLAN RICARDO





Copyright © Editora Coerência, 2019
Copyright © Dylan Ricardo, 2019

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Thais Nacif

REVISÃO
Thais Nacif
Bianca Gulim

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Bruno Lira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ricardo, Dylan;
Murmúrio das Trevas
1ª edição - São Paulo: Coerência, 2019

ISBN: 978-85-5327-172-6

1. Ficção brasileira 2. Suspense 3. Terror 4. Horror I. Título

CDD: 869.3

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Coerência
Avenida Paulista, 326, cj 84
Bela Vista – São Paulo – SP – 01.310-902





Sumário



| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 006 |
| DEDICATÓRIA | 013 |
| A MANSÃO DE GLYN COTHI | 014 |
| APLAUSOS | 098 |
| CARUSO | 126 |
| HOMEM-BOMBA | 190 |
| LADY KATHERINE | 202 |
| O OUTRO | 228 |
| O TRAJETO | 314 |
| O VISITANTE NOTURNO | 338 |
| SOMBRAS | 348 |
| UM BRINDE AO TALENTO DESPERDIÇADO! | 372 |





Introdução





Até onde se obriga a ir um desesperado escritor em busca da inspiração que lhe falta? Aidan Gruffudd, autor galês de livros de horror, descobriu isso da pior maneira possível naquele mês de abril de 1895, no interior de uma velha mansão abandonada no bosque de Glyn Cothi, no País de Gales.

E que estranhos acontecimentos podem se dar em um necrotério de madrugada? O jovem e cético Katsuo Hayashi — entusiasta dos truques de mágica —, em pleno início dos anos 1980, no Japão, descobrirá isso de uma forma assustadora.

Pode um corvo influenciar a execução de um crime bárbaro? Veremos isso no conto “Caruso”, ambientado em Livorno, Itália, em 1916. Na história, o empresário do ramo de panificação Matteo Vitali se vê, aos poucos, envolvido em uma situação que o transformará completamente e mudará o seu futuro.

O que Salim Khalil estava fazendo no meio de um esbraseante deserto, andando sem destino e absolutamente desinformado de como foi parar lá? E por que lhe era impossível retirar a pesada mochila que o torturava?

O ladrão de túmulos Isaiah Cavendish — homem sofrido e corajoso —, ao profanar as sepulturas de um velho cemitério londrino, de madrugada, no ano de 1887, depara-se com a tumba de Lady Katherine e cai em uma terrível armadilha.

Antero Vieira, médico de vinte e cinco anos que vive em Lisboa, Portugal, no ano de 1928, teve uma infância muito estranha, em que sonhos bizarros o perseguiram. Agora, depois de muitos anos, eles voltaram. E, como se isso não bastasse, ele ainda acredita que há um fantasma em sua casa. Definitivamente não foi uma boa ideia adquirir uma tábua ouija para resolver esse problema.

Acusado de atividades contrarrevolucionárias, o conhecido escritor francês Jean-Batiste d'Aiglemont está encarcerado em virtude de um decreto do Tribunal Revolucionário, e já cumpriu no presídio três anos de uma sentença de prisão perpétua. Lá, no ano de 1793, envolve-se em uma trama sobrenatural de desfecho inimaginável.

Em 1589, o dedicado padre Lorenzo Martin, de cinquenta e quatro anos, durante a madrugada, no interior de sua pequena igreja na cidade de Pontevedra, na Galícia, encontra um homem misterioso sentado em um





dos bancos. E as revelações que ele traz são tanto surpreendentes quanto inacreditáveis.

O advogado Gonçalves, certa noite, é visitado por algo que não consegue definir, e a partir daí passa a observar que algumas mudanças muito incomuns e perigosas estão ocorrendo, não só em sua vida, mas no mundo. Há alguma coisa de errado com as sombras.

No Brasil, um reflexivo personagem sem nome, no ano de 1968, acorda pela manhã sentindo-se como jamais se sentira na vida. E, enquanto percorre seu letárgico apartamento, aos poucos percebe que algo mudou em sua realidade, até encontrar em um dos cômodos a horrenda e surpreendente resposta para aquela situação.

Amigos leitores, bem-vindos a mais uma obra doentia escrita por este que da penumbra de um empoeirado quarto abarrotado de livros vos escreve. Este é o meu segundo livro de histórias de horror, o qual, assim como o primeiro, também é composto por dez contos.

Como puderam perceber pela descrição dos temas acima, o conteúdo desta produção literária é assaz heterogêneo, compreendendo épocas, situações, culturas e países diferentes. Com isso eu quis diversificar ao máximo as possibilidades de criar histórias de um gênero que me agrada visceralmente.

Nem sempre a escuridão e o *fog* londrino são necessários para o desenvolvimento de um bom enredo sinistro. Por incrível que pareça (e seja), a excessiva luminosidade de um sol abrasante pode também fornecer inspiração para tal, como tentei expor em uma das histórias aqui presentes.

O horror está em tudo, basta que o enxerguemos.

Uma boa ideia e o conhecimento necessário para saber desenvolvê-la podem criar uma narrativa arrebatadora, seja qual for o enredo e no mais inusitado ambiente. Claro que, em se tratando de histórias de horror, também auxilia sobremaneira ter pairando sobre a cabeça a estranha e sombria nuvem da macabra inspiração.

Muitos destes contos surgiram ao mesmo tempo, e, para não deixar apagar a “chama negra” de cada um, eu os escrevi simultaneamente, transportando-me para diversas épocas em um simples virar de folha.

Se por algumas linhas perambulei por um cemitério londrino em 1887, nas páginas seguintes já estava na Itália, andejando por um beco escuro em pleno 1916.





MURMÚRIOS DAS TREVAS

Senti-me quase como um viajante do tempo, que pela manhã passeia por terras lusitanas em 1928, à tarde está em um cárcere francês em 1793, e à noite em uma igreja na Galícia de 1589 — e ainda dando algumas paradas para visitar um necrotério no Japão de 1980 e a sala de um melancólico apartamento no Brasil de 1968.

Estive às voltas com violentas e pavorosas aparições, com horripilantes e gelados cadáveres, com questionadores e desconfiados detetives, como também com o infernal calor do deserto. Ainda me envolvi com uma paisagem de lápides e árvores deformadas, com um tabuleiro ouija, com o desconforto de um catre infecto ao canto de um calabouço, com um dedicado padre assustado, com um advogado ao limite dos nervos e com alguém profundamente confuso e decepcionado.

Causou-me um estranho sentimento também perceber-me quase como uma testemunha ocular de bizarras situações, de colóquios doentios e encontros aterradores. Eu me vi cruzar bosques intimidantes, vagando por medonhos passadiços, por porões repletos de caixas empoeiradas e frequentando cômodos antigos; até a fragrância do tecido das mobílias pude sentir. E admito que, por causa de muitas dessas situações, às vezes, quando saía do quarto para atender as revoltantes e inoportunas funções fisiológicas, aterrorizado, acendia a luz do corredor. É impressionante o que a mente faz com as pessoas...

Essas “quebras temporais” me ajudaram a exercitar a capacidade criativa tanto quanto me auxiliaram a amadurecer como autor. Mas não só isso. Mergulhar na mente de dezenas de personagens, como em suas peculiares identidades e diferenciadas culturas, foi um prolífico exercício bastante didático, apesar de labiríntico e, por vezes, doloroso.

As pesquisas, tão necessárias para o embasamento temporal das histórias, foram estafantes, pois sou minucioso com dados, porém as utilizei limitadamente para não trazer enfado ao leitor. Apenas informo o necessário para criar a atmosfera do conto.

Posso ter me alongado um pouco ao narrar os detalhes dos ambientes, ou a profundidade das emoções vivenciadas pelos personagens, mas isso, sem dúvida, foi com a intenção de nutrir a percepção do leitor para que ela fortalecesse a empatia com o enredo.

Este livro foi escrito em um período de mais ou menos dois meses, e todo ele de madrugada. É o horário em que costumo escrever.





Da meia-noite às quatro da manhã, apartei-me do mundo para ser levado por esta obra, encontrando no silêncio profundo da noite formas de esmiuçar os recônditos de meus medos. E foi na penumbra do quarto, apenas palidamente iluminado pela pequena luz que se conectava à lateral no notebook, que cada um desses contos foi partejado.

Talvez eles tenham surgido a partir dos relatos dos próprios protagonistas. Digo isso pois das trevas do aposento posso até jurar tê-los ouvido sussurrar suas estranhas experiências. Cada frase e soluço de angústia. Cada entonação de espanto e desespero.

Posso afirmar, sem nenhuma dúvida, que sentirei falta de cada um deles, pois mantivemos um bom diálogo, apesar de conturbado, por todo o extenso, sombrio e exaustivo tempo em que esta obra foi tomando forma.

Eles se tornaram companheiros fiéis e presentes por um longo período, com suas excentricidades, limitações, defeitos, medos, sonhos e características.

Gosto de pensar que todos são partes de mim e que ainda vagueiam como almas em pena, arrastando-se pelos penumbrosos e esfumados passadiços de meu cérebro.

A coragem de Aidan, o ceticismo de Katsuo, o desespero de Matteo, a desorientação de Salim, a insubordinação de Isaiah, a inocência de Antero, o otimismo de Jean-Batiste, a dedicação do padre Lorenzo, a exaustão de Gonçalves e, por fim, a sensação de abandono do último personagem: todos esses sentimentos estão, sem reserva, em meu âmago. São dez personagens, como os dez dedos que usei nos teclados para erigir o castelo assombrado que é este livro, sendo cada letra um de seus sombrios tijolos.

Não posso falar pelos outros autores, pois nada sei acerca das peculiares emoções que experimentam ao término de uma obra, mas, sempre que finalizo um livro, sinto como se fosse uma despedida. E não deixa de ser.

O próximo trabalho até poderá assemelhar-se ao que foi concluído, poderá ter os mesmos vícios de linguagem, expressões similares, protagonistas equivalentes, situações correlatas etc. Porém, jamais será como o anterior. Este se foi, saiu da casa paterna, como um filho que ganha o mundo.

E ter o livro nas mãos, quando sua produção é concluída pela gráfica, é perceber a subjetividade solidificar-se em um desfecho objetivo. É





MURMÚRIOS DAS TREVAS

admirar-se ao poder tocar as próprias ideias materializadas, sentindo o peso e o cheiro do rebento aos braços.

O colossal e angustiante problema, pelo menos para alguém perfeccionista como eu, é que sempre surge a desagradável sensação de que se poderia ter feito melhor.

A localização de uma vírgula poderia ser mudada, uma frase ou uma palavra poderia ser modificada para que a ideia exposta se mostrasse com maior clareza, uma expressão poderia ter sido escrita de outra maneira, a narrativa poderia ser mais envolvente etc. Às vezes, até evito folhear uma obra publicada. É um inferno!

Quanto aos temas dos contos deste livro, estes simplesmente me abalroaram quando eu menos esperava, como misteriosas fragrâncias que despontam inesperadamente. Surgiam como uma avalanche de sussurros noturnos que me perseguiram pelos cômodos da casa. Nomes pessoais, palavras, frases, cidades, épocas, tudo desabrochava mesclado, impondo-me a exaustiva atividade de ter de separá-los em histórias diferentes. Foi como montar vários quebra-cabeças ao mesmo tempo.

É quase como se eu tivesse exercido a função de um receptor, um tradutor de histórias contadas por espectros ancestrais que me procuravam de madrugada para em um “psíquico colóquio informal” narrar suas experiências e segredos. Quem sabe?!

É uma grande vantagem para uma obra quando sua narrativa estranhamente já surge com um final definido, exigindo-me tão somente o trabalho e a dedicação para chegar a ele. Isso me acontece com certa regularidade, porém, nesta obra, senti que os personagens comandaram, criaram a narração tal como se estivessem a manipular-me, e até modificaram alguns desfechos, como se não concordassem com o que havia sido estabelecido. Mistério!

Quicá, por todo o tempo em que escrevi, eles estivessem recostados aos meus ombros, empoleirados como corvos agourentos, olhando para a tela do notebook enquanto sussurravam histórias aos meus ouvidos, e esse seja o motivo das algias que me atacavam as costas ao final de cada conto.

Eu até poderia classificar o conteúdo deste livro como oriundo dos murmúrios das trevas, pois elas me acompanharam durante toda a gênese dessa produção. E eis o título, que só agora, ao final desta introdução, me veio à mente! Teria sido ele também murmurado?





DYLAN RICARDO

Pois bem, finalizarei este pequeno texto introdutório aqui. Normalmente, os preâmbulos de meus livros são mais longos, mas estou morto de cansado, e ainda há muitas frases e surpresas pela frente. Não desejo retê-los mais.

Bom proveito, e, se a morte não me procurar ao final desta linha, até a próxima obra.





Dedicatória



Muitos veem beleza em um buquê de rosas, sem perceberem que, embevecidos, contemplam o ininterrupto suplício de organismos moribundos.

Estes são os que erguem os filhos nos braços, e para eles imaginam um futuro promissor. Uma trilha sem pedras ou sinuosidades em que, ao final, desabrocha um intenso e iluminado arco-íris.

Olvidam-se, os tolos, que o porvir inevitável é a extinção de tudo o que vive ou viverá. Assim foi, é e sempre será, pois todos agonizamos; uns rindo, outro chorando.

A morte está em tudo. E, por mais estranho que soe, só ela sobreviverá.

A mansão de Glyn Cothi





As vezes escritores são acometidos por períodos de ausência criativa, uns longos, outros curtos, mas todos, sem reserva, embebidos em profunda ansiedade e desespero para quem realmente está envolvido com esse tipo de penosa atividade artística.

Esse diabólico e angustiante bloqueio, quando ataca o intelecto de um criador de histórias, o remete a um estado de irritabilidade constante e reflexiva tristeza, que fatalmente deságua em um sentimento de inutilidade. Por vezes até em uma profunda depressão.

Render-se a tal desânimo pode ser fatal, tornando-se fundamental convencer-se de que ele nada mais é que o produto de uma fase.

Não há nada pior para uma mente fértil e voltada à literatura do que estar diante de uma lauda em branco, sentindo que a semente da criação está lá, em algum lugar de seu invisível labirinto, mas se recusa a deixar sua casca rebentar para fazer surgir o primeiro ramo do que possivelmente se tornará uma obra interessante.

É necessário não se deixar levar também pelo mórbido cárcere da obrigação, pois este aprisiona ainda mais a criatividade, mantendo-a sufocada. Claro que, quando se escreve profissionalmente, o problema envolve uma grande responsabilidade com prazos de entrega, mas a necessidade de relaxamento é fundamental para que o intelecto possa repousar e, assim, permitir que as ideias fluam.

Para alguns escritores, a inspiração surge quando bem entende. Ela tem vida própria, e eles são escravos de seus caprichos, sendo inútil esmiuçar com revolta ou violência os recônditos em que ela teima em manter-se alojada.



Quando ela dorme, há de se esperar que desperte, e de nada adianta sacolejá-la, pois ela comanda, e vez por outra seu aflitivo sono é necessário.

Uma mudança de paisagem pode ser um grande auxílio para ventanear os pensamentos e fazer desabrochar a imaginação, pois novos ares, com frequência, mostram-se eficazes para o ressurgimento da inspiração que insiste em ocultar-se.

O escritor, como não poderia deixar de ser, é um observador natural, e muitas vezes um manipulador da realidade, principalmente se seus temas são voltados à ficção. Criar ambientes e descrevê-los com minúcias requer uma profunda análise de detalhes. Narrar com cuidado como um facho de luz se derrama pelas frestas de uma janela, como uma discreta brisa faz tremular uma folha ou como uma porção de poeira se espalha por um assoalho pode aparentar ser simples, mas definitivamente não é. Há poesia em uma esmerada descrição, e esta é advinda da sensibilidade e da observação.

Criar personagens, então, é mais complexo ainda. Não é um trabalho nada fácil, pois é necessário esculpir temperamentos da forma mais convincente possível, e para isso é primordial manter-se atento ao comportamento humano. Os gestos peculiares a cada indivíduo, seu modo de falar, de mover-se, de olhar, até de coçar-se etc. Todas as facetas que caracterizam a identidade de alguém precisam ser apreciadas com cautela, pois até um simples espirro surpreendentemente pode gerar a inspiração que desemboca em um relevante protagonista.

Quando surge um entrave e as ideias se negam a desabrochar, o escritor perde o alicerce, muitas vezes até acreditando que seu talento se deixou abocanhar por algum sombrio alçapão do cérebro. Portanto, é essencial imbuir-se de equilíbrio para que, no devido tempo, elas regressem e o fluxo criativo se restabeleça. É preciso serenidade e saber esperar sem perder-se por caminhos que o distanciam ainda mais do seu objetivo.

Na história da literatura de ficção, em todas as épocas, culturas e nações, vários autores já se viram torturados por esse medonho estado de espírito. Uma severa condição de ausência de ideias que se identificava mais com uma horrenda maldição que propriamente com uma momentânea brecha de falta de criatividade.

E ali, no País de Gales, em 1895, com o melancólico Aidan Gruffudd, não seria diferente. O escritor, que começava a destacar-se no gênero de





horror, já se punha preocupado com o que passara a denominar de “deserto da alma”, vendo-se obrigado a acatar o fato de ter de ir buscar a introspecção criativa na bucólica placidez de uma propriedade no campo.

A mansão, de amplos e empoeirados cômodos, havia sido indicada pelo seu próprio editor, o competente e laborioso senhor Frederick Aneirin Rheon, que desde o início, quando recebera os originais da obra de Aidan, percebera de imediato o tesouro que tinha nas mãos.

O senhor Rheon, homem de sessenta anos e extremamente dedicado à sua profissão, vira no curioso trabalho do autor iniciante uma forma de concorrer com outro que estava fazendo grande sucesso. Um livro que, apesar de execrado por muitos em razão das passagens de cunho sexual implícito que exibia, vendera bastante, entrando em uma segunda edição. A obra rival, intitulada “O grande deus pan”, fora escrita um ano antes pelo místico Arthur Machen, tornando-se um escândalo literário pelo seu conteúdo sobrenatural e doentio, chegando a ser classificada pela imprensa como degenerada, o que se distanciava do escrito de Aidan; que aterrorizava os leitores de uma maneira mais psicológica, usando imagens fantasmais e seus próprios medos. Uma obra um pouco mais sutil, mas nem por isso menos assustadora.

O sucesso do livro de Aidan abarrotara Rheon de felicidade, porém o que o preocupava era aquele terrível bloqueio criativo, que já se estendia por um longo tempo, pois certamente aguardava que outra obra fosse escrita. E que fosse ainda melhor.

O diligente editor, esmerando-se por resolver aquele dramático problema, lembrara-se de um bom amigo médico que também era admirador de livros de mistério. Recordara que ele era possuidor de uma habitação isolada e abandonada no interior. Uma espaçosa residência que, pela distância e dificuldade de acesso, permanecia desabitada já havia alguns anos. E a ele solicitara que a moradia lhe fosse emprestada por alguns dias, tendo a sua ideia prazerosamente aprovada ao citar que Aidan Gruffudd lá ficaria hospedado.

Com tudo rigorosamente planejado, para lá enviou o jovem e perturbado escritor, quase como uma imposição, ou um desafio.

Aidan precisava escrever, mas uma alvura colossal tomara a sua mente de tal forma que ele se sentia diante de uma cordilheira nevada. Via-se perdido e Tateando inutilmente a escuridão de um vasto deserto.





Seu primeiro trabalho fora publicado havia dez meses, e desde então um monstruoso vazio se estabelecera. Não havia tema que ele conseguisse desenvolver sem perder o interesse nem assunto que cativasse seu intelecto.

Seu romance de horror havia repercutido positivamente aos olhos da crítica, sendo adorado pelo público, mas não tanto quanto o de Machen. E o tempo se punha a passar, sendo necessário esforçar-se por soprar as velas da inspiração para que o barco da próxima obra navegasse. E esta deveria ser superior à primeira.

Com apenas trinta anos e tendo atingido um relativo sucesso, ele temia ter esgotado o talento em apenas um livro, e aquele sentimento o arremessara em uma perigosa espiral de desânimo.

O casarão, construído havia mais de cem anos, localizava-se no condado de Carmathen, ao oeste de Gales, em algum ponto do Bosque Brechfa, nome dado à antiga floresta de Glyn Cothi, na área mais afastada, deserta e de aspecto noturno mais apavorante de toda aquela região. A aldeia mais próxima estava a quilômetros, sendo necessário, a partir dela, cruzar um terreno inóspito, muito íngreme e repleto de árvores ancestrais para chegar até a propriedade. A paisagem montanhosa tornava aquele o local ideal para quem tinha a intenção de isolar-se das atribulações do mundo.

Em várias ocasiões, aquela floresta fora abrigo de príncipes galeses que guerreavam contra a invasão normanda, bem como território onde era praticada a caça real.

Ali, travaram-se violentos confrontos e muito sangue fora derramado. Pessoas foram decapitadas e enterradas em pontos desconhecidos, e algumas enforcadas nos grossos galhos daquelas enormes árvores. Os aldeões mais velhos afirmavam que os espíritos dos mortos em combate ainda vagavam por entre as folhagens procurando vingança.

Aquela selva era um espaço histórico, por muitos classificado como maldito, onde vários caçadores declaravam ter presenciado aparições de espectros apavorantes e horríveis vultos arrastando-se como animais feridos.

Veza por outra, algum destemido andarilho era surpreendido por tétricos gemidos de sofrimento, outros por murmúrios proferidos em línguas desconhecidas. E muitos afugentados por pedras arremessadas das áreas em que a vegetação se mostrava mais copada.





MURMÚRIOS DAS TREVAS

Os moradores dos povoados mais próximos evitavam aventurar-se por aquela região, principalmente à noite, tendo algumas pessoas até desaparecido havia alguns anos.

Em límpidas madrugadas, o luar projetava as sombras disformes das árvores no solo pedregoso, cobrindo o terreno com o que pareciam ser corpos amontoados e retorcidos. A certa hora da noite, o silêncio dominava de tal maneira a fazer com que pensamentos se tornassem gritos.

Apenas estranhos sons podiam ser ouvidos do interior daquela sombria floresta, ruídos que se assemelhavam a passos, ou a sussurros. Às vezes, a uma correria.

Havia trechos em que a brisa era tão gelada que mal se podia respirar, ao passo que em outros um misterioso bafo quente passeava, tal como se ali, em algum lugar, estivesse escondida a entrada do próprio inferno.

Agora, aquele seria o novo retiro de Aidan, pelo menos por certo tempo, no qual ele poderia curvar-se sobre páginas e tentar preenchê-las com uma nova história que talvez fosse mais interessante que a anterior. Era o que ele esperava, como seu já impaciente editor.

Dias antes da data marcada para Aidan chegar, o amigo médico do senhor Rheon, o doutor Ioan Rhys, feliz por ter um verdadeiro escritor em seus domínios e sendo um entusiasta da literatura de horror, tratara de enviar empregados à mansão para torná-la mais confortável, e os homens se esforçaram o quanto fora possível. Limparam as janelas, lavaram os pratos, lustraram os talheres, espanaram a mobília, varreram o assoalho e guarneceram a despensa com água e comida. Mas, apesar de todo o afinco, cavalheiro que era, o doutor Rhys enviara, por meio do senhor Rheon, um pedido de desculpas a Aidan por não ter sido possível higienizar todos os cômodos pelo fato de a residência ser muito grande e estar abandonada havia anos, prometendo também recebê-lo à hora de sua chegada.

Fizera ainda Aidan saber que havia lido o seu livro e que estava ansioso não apenas por conhecê-lo, mas por ter sua assinatura na obra adquirida.

O doutor Ioan Rhys, por ter antepassados aristocráticos, herdara da família algumas propriedades luxuosas não apenas em Gales, mas também na Inglaterra, e uma boa soma monetária. E jamais se valera disso para depreciar quem quer que fosse, ao contrário de muitos dos seus conhecidos.





Ainda jovem, com seus quarenta e cinco anos, exercia a medicina havia dezoito, sendo esta a sua paixão. Era um homem conhecido entre a camada mais desfavorecida da população, e estranhamente, apesar de seu berço quase nobre, tinha em si uma interessante consciência social, além de simpatia enraizada pelos pobres. E esse fato o fazia ser muito bem-visto por alguns, ao mesmo tempo em que antipatizado por outros.

Exatamente sete dias depois da parcial limpeza da mansão, Aidan saía da cidade de Swansea, ou Abertawe, em galês, no condado de Glamorgan, seu local de nascimento. Situada ao sul do território, Abertawe era a segunda maior cidade do País de Gales e um importante centro portuário. Ali, na infância, como não poderia ser diferente para uma criança curiosa, Aidan nadara na baía entre os subúrbios de Mayals e West Cross, causando desespero à sua mãe. A mulher, escandalizada e aos gritos, chamara a atenção de alguns policiais que faziam sua ronda, fomentando até certa inquietude entre muitos transeuntes.

E ainda hoje, vez por outra, ele se lembra entre risos de quando a senhora Siwan Gruffudd por pouco não se jogara às águas para salvar o filho, que apenas se divertia.

Com limitada bagagem e desconfortavelmente comprimido no interior de uma rústica carruagem, por todo o percurso o estafado autor tentou dormir, mas os agressivos solavancos do terreno irregular trataram de impedi-lo. A estrada que levava à cidade de Brechfa, local histórico que existia desde o século VI no condado de Carmathen, era longa e difícil para aqueles que haviam nascido na cidade grande. Mesmo esmerando-se por atravessá-la o mais relaxadamente possível, o trabalho foi inútil.

Seguindo as instruções do senhor Rheon, ele se equipara apenas com o fundamental, levando material de escrita, algumas roupas e pertences pessoais, pois lhe fora relatado que teria de cruzar a pé certa distância antes de chegar à mansão e, por isso, não seria aconselhável carregar mais do que pudesse suportar.

Aidan esperava que todo aquele esforço fosse proveitoso, e que aquela nova experiência fizesse borbulhar a inspiração de que tanto necessitava, apesar de ter suas dúvidas.

Ele havia acordado cedo, pois era mais prático viajar de dia. O cálculo para a sua chegada era de mais ou menos sete horas, e seu desejo era o de perfazer todo aquele exaustivo percurso dormindo, o que foi impossível.





MURMÚRIOS DAS TREVAS

Ele não almejava ficar naquele fim de mundo por muito tempo, pois possuía a “desesperada esperança” de ter de volta o seu fluxo criativo o quanto antes para poder pelo menos escrever algumas páginas, mas a ausência de enredo era o que verdadeiramente o atormentava.

Após o alongado e infernal trajeto, que lhe presenteou com algias generalizadas, e mais alguns contratempos causados pelas desagradáveis concavidades do terreno, Aidan chegou a Brechfa com quase duas horas de atraso, mal-humorado, esfomeado e absolutamente exaurido. Mas ao saltar da carruagem seu estado de ânimo foi acarinhado pelo semblante do doutor Rhys, que com um imenso sorriso o saudou:

— Senhor Gruffudd! É um grande prazer finalmente conhecê-lo!

